

O Diálogo Inter-Religioso face ao Desafio da Responsabilidade Global

Recensão do Livro *Una Terra Molte Religioni: dialogo interreligioso e responsabilità globale*, de Paul F.Knitter

(Assisi: Cittadella Editrice, 1998; tradução do original inglês *One Earth Many Religions: Multifaith Dialogue and Global Responsibility*, New York: Orbis Books, 1995)

O teólogo americano Paul Knitter constitui-se hoje em um dos mais importantes representantes da teologia pluralista das religiões. Realizou seus estudos teológicos na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma no início dos anos 60 (período conciliar) e, posteriormente nas Universidades de Münster e Marburg na Alemanha. Em Marburg, junto ao Departamento de Teologia Protestante, defendeu seu doutorado sob orientação de Carl Heinz Ratschow, com uma tese intitulada “Para uma Teologia Protestante das Religiões”. Atualmente leciona teologia na Xavier University of Cincinnati (USA).

Com intensa produção teológica, Paul Knitter ficou particularmente conhecido com a sua obra *No Other Name? A critical Survey of Christian Attitudes Toward the World Religions*, publicada em 1985 pela Orbis Books. Nesta obra o autor apresentou as teses fundamentais de sua teologia pluralista das religiões e sua crítica às perspectivas exclusivista e inclusivista

na abordagem cristã sobre as religiões. No ano de 1987, juntamente com o filósofo e teólogo John Hick, organizou o livro *The Myth of Christian Uniqueness* (New York: Orbis Books), contendo diversos artigos de teólogos representativos da corrente pluralista. Em razão das teses expostas sobretudo nestes dois livros, a teologia de Paul Knitter ficou no foco das atenções críticas de diversos teólogos inclusivistas e de setores do magistério eclesiástico católico. Sua defesa da virada pluralista e sua crítica ao cristocentrismo suscitaram, e têm ainda suscitado, muita polêmica e discussão.

No presente livro, a reflexão de Paul Knitter ganha um novo amadurecimento, apresentando clarificações e mesmo correções de argumentos defendidos em suas obras anteriores, bem como um novo impulso ético a partir de sua convicção da importância de uma teologia das religiões fundada no desafio da libertação e do bem-estarecmano. O livro consta de nove capítulos, de uma conclusão introdutiva e de uma apresentação do teólogo Hans Küng.

No *capítulo primeiro*, de caráter introdutório, o autor busca apresentar sua autobiografia. Partindo da convicção de que toda teologia é radicada numa biografia, Paul Knitter vai desvelando para o leitor os momentos principais de sua reflexão pessoal e de sua “odisséia dialógica”, desde os tempos de sua atuação missionária como membro da Congregação dos Missionários do Verbo Divino. A transformação de sua trajetória inicial exclusivista para uma perspectiva mais aberta ocorreu já nos anos 60, quando o autor teve o privilégio de acompanhar os novos tempos do Vaticano II (1962-1965) e toda a renovação teológica por ele provocada. O encontro com a reflexão de Karl Rahner neste período foi decisiva para o encaminhamento de sua reflexão teológica sobre as religiões. Abria-se um novo caminho de compreensão das religiões, agora consideradas não só como legítimas mas igualmente “caminhos de salvação”.

No desdobramento de seus estudos teológicos, Knitter teve igualmente a oportunidade de aprofundar, em Marburg, a reflexão dos pensadores protestantes contemporâneos sobre o tema da relação do cristianismo com as outras religiões. Como o primeiro católico-romano admitido no programa de doutorado de Departamento de Teologia Protestante de Marburg, Knitter

teve a “audácia romana” de criticar o acanhamento da reflexão protestante em seus esforços por superar o exclusivismo do posicionamento neo-ortodoxo de Karl Barth com respeito ao tema das outras religiões. Sua reflexão permanecia, porém, como ele mesmo sublinhou, nos limites da perspectiva católico-rahneriana (p. 24). Um novo horizonte se abre por ocasião de seu retorno a Chicago em 1972. Começa então a lecionar disciplinas em torno da temática da teologia das religiões e do diálogo inter-religioso, com particular atenção ao estudo do hinduísmo e budismo. Nesta ocasião foram muito proveitosas suas leituras de R. Panikkar e T. Merton e das pistas por eles abertas no sentido do diálogo inter-religioso. Novas conclusões teológicas foram possibilitadas com o aprofundamento da reflexão de H. Küng, quando então encontrou o impulso para a ultrapassagem da perspectiva rahneriana e a superação do inclusivismo. O fruto desta travessia foi sua obra de 1985, intitulada *No Other Name?* Esta obra marca sua passagem para a perspectiva pluralista.

A nova perspectiva teológica de Knitter foi sendo progressivamente enriquecida com o influxo da teologia da libertação, tema que motivava o autor desde os anos 70, ainda que por razões de atualização metodológica. Nos anos 80 o interesse pela teologia da libertação ganha um novo sentido; toma-se para o autor não apenas um “novo método”, mas uma “ocasião para compreender o significado da religião e do ser fiel discípulo de Jesus” (p. 29). Knitter sublinha que a partir deste instante pôde perceber a íntima relação entre as duas teologias, e a convicção da necessidade de relacionar o “Outro religioso” com o “Outro sofredor”, categoria que incluía não apenas os seres humanos habitantes da terra mas igualmente a terra mesma.

O fruto maduro desta reflexão veio desabrochar no livro ora analisado, *Una Terra Molte Religione (One Earth Many Religions)*, quando então assume de forma nítida seu projeto teológico pluralista em favor de uma responsabilidade global voltada para a libertação ecumana. O diálogo inter-religioso ganha agora um novo sentido. A responsabilidade global, como insiste Knitter, fornece a oportunidade não apenas para um tipo distinto de diálogo, mas para um “diálogo efetivamente melhor” (p. 33). Em seu novo livro, Knitter busca apresentar e

desenvolver os esforços realizados pelos teólogos do norte e sul no sentido de responder ao Outro sofredor e ao Outro religioso. O modelo por ele apresentado pode ser definido como um “diálogo das religiões globalmente responsável e correlacional” (p. 38). Enquanto globalmente responsável, busca incluir a noção fundamental de libertação, entendida aqui não apenas como libertação em favor da justiça social, mas que envolve igualmente o bem estar ecoumano. Enquanto correlacional, busca afirmar a pluralidade das religiões e a relação entre as mesmas, garantindo porém sua genuína diversidade. Um diálogo correlacional garante que as religiões mantenham-se efetivamente diversas. Com respeito ao livro anterior, *No Other Name?*, o presente livro marca ainda uma nova mudança. De uma perspectiva “não normativa, teocêntrica” o autor passa a uma perspectiva “multinormativa, soteriocêntrica”. Uma teologia mais centrada agora na questão da salvação, entendida como o bem-estar ecoumano.

No *segundo capítulo*, Knitter busca fornecer os elementos fundamentais do que seria um modelo correlacional e globalmente responsável para o diálogo inter-religioso. Como ponto de partida para a panorâmica proposta, o autor apresenta um quadro resumido dos diversos paradigmas concorrentes. A classificação normalmente adotada indica a presença de três paradigmas em curso, ou seja, os paradigmas exclusivista (eclesiocêntrico), inclusivista (cristocêntrico) e pluralista (teocêntrico). Esta mencionada classificação vem sendo hoje em dia questionada por inúmeros teólogos, em razão da dificuldade de conseguir captar a variedade de nuances presentes na atual reflexão teológica. Critica-se, sobretudo, o risco de seu enrijecimento ou simplificação, o que acaba por prejudicar o próprio fluir da conversação teológica. Mesmo reconhecendo os limites apontados, Knitter reconhece a utilidade da classificação adotada (p. 54-55).

Depois de uma breve caracterização dos paradigmas exclusivista (p. 56) e inclusivista (p. 57-59), Knitter aponta os elementos-chave do modelo correlacional globalmente responsável, ainda em vias de construção, situado no paradigma pluralista. O autor busca antes desfazer certos mal entendidos em torno da imagem estereotipada que foi se cristalizando no decênio

passado em torno do paradigma pluralista ou da teologia pluralista das religiões. Indica como determinadas declarações de teólogos foram destacadas pelos críticos e universalizadas como representativas de todos os teólogos pluralistas. Na base de tais generalizações está o desconhecimento da realidade plural dos pluralistas. Embora haja casos de reflexões relativizantes, não há como sustentar – sublinha Knitter – que tal posição seja representativa do caminho buscado por muitos cristãos e teólogos pluralistas (p. 51).

Em favor de um novo modelo pluralista e correlacional atuam uma série de razões. *Negativamente*, o desconforto sentido por muitos cristãos na maneira como a questão vem sendo resolvida no interior dos paradigmas exclusivista e inclusivista. De modo particular, a dificuldade com o “monismo da salvação”, ou seja, a compreensão de que o Dom divino da salvação só se encontra clara, adequada e completamente em Jesus Cristo. *Positivamente*, a convicção crescente da importância da perspectiva dialogal para a sobrevivência da nossa espécie e do planeta inteiro. Em favor de uma real partilha de direitos no campo do diálogo entre as diversas tradições religiosas, Knitter pontua que, em razão mesmo de suas diferenças com respeito ao cristianismo, as outras religiões podem ser igualmente válidas e eficazes enquanto portadoras de verdade, paz e bem-estar com Deus (p. 61). Isto não significa propalar um relativismo ou fácil universalismo. Longe de afirmar uma uniformidade, o que vem proposto é justamente o contrário, ou seja, a defesa e a singularidade da diversidade. O que propugna uma teologia pluralista e correlacional é antes de tudo o reconhecimento das diferenças evidentes e reais entre as diversas tradições religiosas (p. 64); a afirmação da validade deste mundo de diferenças, irremovíveis e irrevogáveis (p. 64-65); o reconhecimento de que esta diversidade preciosa e importante deve ser compartilhada e comunicada (p. 68). A proposta pluralista defendida por Knitter busca confirmar a nível espiritual e empírico a genuína verdade e o poder espiritual de outras comunidades religiosas. Com base no pensamento de Gilkey, o autor sublinha que “um Deus amoroso que ama somente determinado povo ou que pode vencer a pecaminosidade e a corrupção somente em certas religiões, de um modo ou de outro, não é um Deus de amor digno de fé” (p. 67).

Um dos maiores motivos de polêmica entre os teólogos inclusivistas e pluralistas diz respeito ao delicado tema da unicidade de Cristo e do cristianismo. Embora não seja tema de discussão do livro em questão, Knitter avança uma breve reflexão a respeito. Para ele, a cristologia pluralista não rompe com o conteúdo central do querigma ou proclamação primitiva sobre Jesus. Contrariamente ao que pensam muitos de seus críticos, a nova perspectiva correlacional mantém acesa a consciência da divindade de Jesus, de sua ressurreição, de sua presença entre nós e a consciência de seu caráter salvífico universal. Garante-se e salvaguarda-se a singular diferença entre Jesus e outras figuras religiosas da história (p. 70). A novidade desta nova perspectiva pluralista está no modo de interpretar tal unicidade, de forma a facultar e promover um diálogo verdadeiramente correlacional com outros percursos religiosos. A cristologia pluralista, sublinha Knitter, não coloca em questão o fato da unicidade de Jesus, mas sublinha o seu caráter relacional. Não há obstáculos que impeçam considerar Jesus como verdadeiramente divino e salvador, mas há dificuldade em reconhecer apenas nele a salvação. O que se pretende é abrir espaço para perceber a presença salvífica de Deus também alhures (p. 70). Jesus é verdadeiramente salvador, mas “não somente ele”, na medida em que o Mistério Divino transborda sua pessoa e mensagem. Nesse sentido, outras tradições religiosas podem, com dignidade, partilhar de concepções válidas e situar-se positivamente com respeito a este Mistério, não necessitando serem unilateralmente “incluídas” ou preenchidas pelo cristianismo (p. 28).

Ao lado da dimensão pluralista e correlacional, o novo modelo proposto por Knitter sublinha igualmente uma dimensão ética fundamental. Trata-se de um modelo globalmente responsável e libertador. Para Knitter, trata-se de uma teologia dialógica que “nasce da urgência ou mesmo obrigação moral de responder, como cristãos e seres humanos, ao Outro sofredor e ao Outro religioso” (p. 71). A promoção deste bem-estar humano e planetário constitui para o autor o ponto de partida essencial e a base comum para qualquer diálogo inter-religioso (p. 72).

No *terceiro capítulo*, Paul Knitter apresenta as principais questões levantadas por teólogos e filósofos da religião a propósito do modelo pluralista, de modo particular as críticas tecidas por autores ligados às perspectivas pós-moderna e pós-liberal. No cerne da controvérsia encontra-se a questão da diversidade. Para estes autores, o modelo pluralista, ao defender uma proposta dialógica, acaba por desconhecer ou relegar o que há de único e irrevogável em cada religião, apagando-se, transcurando-se ou violando-se o dado da diversidade entre as religiões. Seduzidos pela beleza da sinfonia inter-religiosa, os teólogos pluralistas estariam deixando escapar as singularidades e características específicas de cada um dos instrumentos musicais (p. 75). O que embaraça aos mencionados críticos, sobretudo aos autores pós-modernos, é a tentativa por eles atribuída aos pluralistas de buscar um “aistórico terreno comum” ou um “fundamento universal” para o diálogo inter-religioso. Não conseguem acreditar em qualquer proposta que possa apagar “a desordem da diversidade” ou reduzi-la a um único fundamento. Defendem não apenas uma “incorrigível diversidade”, mas também uma “obstinada incomensurabilidade” entre as culturas e religiões do mundo (p. 80-1). Vislumbram ainda na proposta pluralista o risco da imposição de regras e definições particulares, sobretudo ao se tentar definir linhas comuns para o diálogo inter-religioso (p. 84).

O teólogo Paul Knitter reconhece que são reais os problemas e dificuldades levantados pelos críticos pós-modernos e pós-liberais. Em seu parecer estas questões devem ser levadas a sério por todos aqueles que se empenham em favor de um modelo pluralista e correlacional. Sublinha, porém, que os alarmes avançados devem significar um aviso de “perigo à vista” mas não de “estrada bloqueada” (p. 102).

No *capítulo quarto*, Paul Knitter busca reafirmar e desenvolver sua proposta de uma teologia pluralista e globalmente responsável em favor do diálogo inter-religioso. Trata-se, juntamente com o capítulo quinto, de um momento nuclear de sua reflexão no livro. O autor busca demonstrar em que sentido a preocupação com o disseminado sofrimento que

ameaça a humanidade e o planeta inteiros pode e deve constituir-se na “causa comum” do diálogo inter-religioso. Um projeto de “ética global” torna-se, assim, argumento decisivo na agenda dos debates inter-religiosos.

Diante das objeções levantadas pelos autores pós-modernistas e desconstrucionistas, Knitter reage de forma singular. Apesar de sua concordância teórica com determinados argumentos dos críticos e da consciência das dificuldades que acompanham a busca de uma “plataforma comum” para o discurso intercultural e inter-religioso, ele sublinha sua dificuldade em manter-se apático diante de um mundo em agonia e atormentado pela miséria, fome, abuso do poder e deteriorização ecológica. De forma incisiva argumenta que as reservas impostas à perspectiva pluralista não podem se constituir em motivo para desaquecer a urgente tarefa de coresponsabilidade inter-religiosa em favor da luta contra o sofrimento humano e a destruição ecológica. Em caso afirmativo – sublinha o autor –, haveria algo de “intrinsecamente equivocado em todas estas objeções” (p. 104). Para Knitter, a “dor do mundo” constitui o grande desafio inter-religioso e o dado que convoca a consciência ética de todos em favor de uma responsabilidade global. Se de fato é correto contestar a tese de uma “comum experiência religiosa” ou “meta comum” para todas as religiões, não se pode divergir do dado de uma “experiência humana comum do sofrimento”. Este contexto comum, insiste o autor, constitui hoje “um novo *kairós* hermenêutico para o encontro inter-religioso” que se faz simultaneamente necessário e possível (p. 109).

Em continuidade com as reflexões tecidas anteriormente, Knitter busca desenvolver no *capítulo quinto* o tema da responsabilidade global como terreno comum para o diálogo inter-religioso. Trata-se agora de buscar um equilíbrio entre dois elementos fundamentais implicados na temática do diálogo: a consciência da diversidade e o imperativo da responsabilidade. Estas duas realidades devem estar animadas por uma interação criativa. A afirmação da diversidade não pode significar obstáculo ao imperativo de nossa responsabilidade global. Para Knitter, entre estes dois eixos há um nítido predomínio da responsabilidade (p. 136). Os traços da

diversidade e incomensurabilidade que distinguem cada uma das tradições religiosas não constituem impedimento à conversação. Diversos estudiosos, como aponta Knitter, buscaram mostrar em seus trabalhos as possibilidades de superação do muro da incomensurabilidade em favor de uma autêntica conversação e mútuo enriquecimento. No campo da hermenêutica, o filósofo Hans-Georg Gadamer sublinhou a possibilidade de uma “fusão de horizontes” entre universos de significado distintos, que em razão de seu encontro saem enriquecidos e ampliados. Em linha de reflexão semelhante, aponta igualmente para o trabalho de David Tracy sobre a “imaginação analógica”. Com o recurso desta categoria, Tracy consegue justificar a importância de uma “conversação entre as religiões”. Nesta conversação fica resguardada a singularidade da alteridade, sem com isto romper-se a ponte para a comunicação criadora. O outro passa a ser não somente o radicalmente distinto, mas também o lugar de uma nova possibilidade. Admitir esta possibilidade é despertar para o reconhecimento de uma “semelhança-na-diferença”, ou seja, uma analogia (p. 139-40). Knitter sublinha ainda as reflexões de Mark Kline Taylor e Ludwig Wittgenstein para destacar seja a possibilidade de um terreno comum de conversação, ainda que precário, seja a possibilidade de um jogo lingüístico aberto a outras racionalidades (p. 140-42).

Autores como os acima citados fornecem o respaldo necessário a Knitter para continuar acreditando na necessidade e possibilidade de um diálogo frutífero entre as diversas tradições religiosas. Quando se acredita na possibilidade de uma “fusão de horizontes”, de uma “imaginação analógica” e de um “terreno comum”, ainda que instável, é o caminho dialógico que ganha sua cidadania. Como sublinha David Tracy, nada mais necessário no presente momento do que a conversação entre as religiões, tarefa das mais importantes, ainda que pontuada por grandes dificuldades. É esta necessidade que impulsiona Paul Knitter a encontrar na responsabilidade global um terreno comum para o diálogo, a matéria prima para a “imaginação analógica” (p.146 e 148). Para Knitter, a práxis libertadora ganha um lugar decisivo no diálogo inter-religioso;

constitui condição essencial para afirmar o que há de verdadeiro na diversidade cultural do outro. Para que haja um diálogo autêntico, sublinha Knitter, não basta a abertura e a afirmação da alteridade. É necessário que haja igualmente a afirmação da liberdade e da dignidade do outro. Daí a importância fundamental da práxis libertadora em favor de uma humanidade renovada. E neste diálogo há que reconhecer o lugar privilegiado ocupado pelas vítimas, que sinalizam não apenas a universalidade do sofrimento, mas igualmente sua proximidade de nossa experiência. “A realidade do sofrimento, comunicado e transmitido na presença das vítimas, pode fornecer ao diálogo inter-religioso o necessário ‘terreno comum’ que é possível encontrar neste nosso mundo pluralista, pluripropectivo e relativista” (p. 160). São os pobres sofredores e também a terra sofredora que facultam às religiões os “vínculos hermenêuticos” para a sua mútua compreensão. Assim como a teologia cristã saiu revitalizada a partir da “hermenêutica dos pobres”, assim também o diálogo inter-religioso sai fortalecido e renovado quando fundado numa práxis partilhada de responsabilidade global.

Mas em que medida todas as religiões estão disponibilizadas a assumir uma responsabilidade global? Em que medida pode-se afirmar que elas estejam igualmente interessadas no bem estar da humanidade e deste mundo? Estas são interrogações que aparecem entre autores que desautorizam uma perspectiva mais otimista em favor do diálogo entre as tradições religiosas. A estas e outras objeções apresentadas Knitter busca responder no *sexto capítulo* de seu livro. Para este autor, a responsabilidade global em favor do bem-estar ecoumano (*soteria*) é uma possibilidade presente nas várias tradições religiosas, uma vez animadas por suas tradições proféticas (p. 176-77). Não há como aceitar o fato do sofrimento humano e ecológico que atemoriza a inteira humanidade. Não há como negar a sede e o desejo de uma nova humanidade. Este é um ponto de acordo entre as religiões: o desejo de resistir, de remover e transformar as causas deste universal sofrimento. Para Knitter, todas as religiões podem e devem assumir esta responsabilidade global. É verdade que nem sempre o fazem, muitas vezes em razão de cederem a traços

“demoníacos” que contrariam seus próprios ideais. Com base nas reflexões de Aloysius Pieris, Knitter fala da existência de uma experiência libertadora primordial presente em todas as religiões, embora estas tendam muitas vezes a serem “domesticadas” por ideologias diversas, colocando-se assim a serviço de estruturas não libertadoras (p. 177-78). As experiências religiosas são caracterizadas por uma dupla polaridade místico-profética, oscilando assim entre a irresistível experiência mística e a convocação irrequieta e explosiva da experiência profética. O desafio atual, presente nas grandes tradições religiosas, consiste justamente em ressuscitar esta experiência profética conjugando-a com a dimensão mística para fazer frente aos grandes desafios presentes no atual momento da humanidade. Para Knitter, o projeto em favor de uma responsabilidade global constitui um corajoso desafio a ser assumido pelas religiões. Trata-se não apenas de um empenho comum, mas igualmente de “um contexto comunitário para uma experiência religiosa”, a alimentar e reformar as diversas tradições religiosas (p. 196).

No *capítulo sétimo*, Knitter avança sua reflexão no sentido de favorecer uma nova compreensão da sacralidade da terra, ou seja, uma compreensão que faculte ver o universo inteiro como uma comunidade religiosa mais vasta, no interior da qual as distintas comunidades religiosas podem se reconhecer mutuamente como parte integrante da própria história do universo. É o que traduz o próprio título do livro: uma terra, muitas religiões. Neste sentido, a terra mesma pode falar do sagrado e fornecer “um terreno comum para o diálogo inter-religioso” (p. 204). Mas é a sacralidade desta mesma terra que encontra-se ferida em razão do amplo espectro de devastação que a povoa. É o grito da terra que convoca as comunidades religiosas mundiais a levantarem-se contra o egoísmo e o desprezo pela vida que acompanham e alimentam a devastação ecológica que está consumindo o planeta. Para Knitter, é no contexto desta história mais ampla, com suas promessas e convocações em favor de um bem-estar ecoumano, que podem ser encontrados os critérios religiosos para a verdade. É justamente em razão de sua

universalidade e imediatez que o sofrimento humano (e ecológico) constitui o “contexto comum e o critério mesmo para avaliar as reivindicações e pretensões de verdade que animam as várias religiões” (p. 218). O projeto de uma justiça ecoumana constitui um critério absoluto e universal da verdade, embora seja percebido e realizado em formas relativas e particulares. Daí ser impossível, segundo Knitter, a partilha de uma única e mesma captação da plenitude da justiça e do bem-estar ecoumano. Em sintonia com a tese do “pluralismo de orientações”, defendida por Mark Heim, Knitter defende o direito da pluralidade de perspectivas orientativas (p. 224-25).

De índole mais prática, o *capítulo oitavo* trata de apontar sugestões concretas para o exercício de um diálogo globalmente responsável. Como recurso metodológico, Knitter busca aplicar elementos essenciais do método adotado pela teologia da libertação na sua proposta de diálogo inter-religioso. Para este autor, o diálogo vem sempre em segundo lugar, devendo ocorrer no desdobramento de uma práxis libertadora. Daí sua proposta de um método libertador e globalmente responsável, simbolizado por uma roda hermenêutica que gira sobre quatro raios específicos. Em primeiro lugar, o movimento de compaixão, que é condição de possibilidade de qualquer diálogo. Em segundo lugar, a experiência de conversão, que nasce da interpelação que brota da vida dos que estão sofrendo. Em terceiro lugar, o passo da colaboração. Trata-se de um momento essencial do diálogo entre as religiões, quando então são motivadas a agir em comum em favor de uma nova realidade. Por fim, o movimento de compreensão. A solidariedade prático-pessoal abre espaço para a solidariedade religiosa. A experiência comum de compaixão, conversão e colaboração faculta vínculos essenciais para a dinâmica de uma mútua compreensão e enriquecimento recíproco entre as diversas tradições religiosas (p. 242). Experiências neste sentido começam a despontar, sobretudo na Ásia, com o fomento das comunidades humanas de base (BHC) multirreligiosas. Como salienta Knitter, pessoas que trabalham juntas e compartilhem seus empenhos, lutando para alcançar um objetivo comum, são pessoas que certamente desejam um melhor conhecimento

mútuo. Desejam escutar umas às outras, e esta capacidade de escuta mútua é aprofundada em razão mesmo do trabalho em comum (p. 259). O estudo e a reflexão em comum acontecem em segundo lugar, na continuidade de uma práxis comum.

Exemplos concretos de diálogo globalmente responsável são apresentados por Knitter no *nono capítulo* de seu livro. Trata-se de experiências que o próprio autor teve a ocasião de acompanhar tanto na Índia como no Sri-Lanka. Apesar de constatar a forte presença do comunalismo (autonomismo e separatismo) na Índia, que faz da religião uma arma comunitária, Knitter aponta importantes experiências a nível macro de esforço inter-religioso em favor do bem-estar da sociedade. Dentre os exemplos citados, aponta as experiências das comunidades gandhianas de base, na extremidade meridional da Índia, e a experiência dos apóstolos do diálogo e libertação, no Sri Lanka. Em sua opinião, o subcontinente indiano pode certamente oferecer ao mundo “novos modelos de como os diversos membros das famílias religiosas podem viver e agir em comum” (p. 299).

Ao final desta longa recensão, gostaria de apresentar algumas considerações pessoais em torno do livro de Paul Knitter. Em primeiro lugar há que acentuar que se trata de um autor dos mais controvertidos no atual debate da teologia das religiões. O seu projeto soteriocêntrico vem sendo duramente criticado por determinados setores do magistério da Igreja Católica, que vislumbram a teologia das religiões ocupando o lugar anteriormente detido pela teologia da libertação. É o que pensa explicitamente o cardeal J. Ratzinger, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Para Ratzinger a proposta de Knitter significa uma simplificação do diálogo inter-religioso, reduzindo-o a uma mera “ortopraxia” (cf. J. RATZINGER, Situação atual da fé e da teologia, *Atualização*, n. 263, set.-out. 1996, p. 544, 547). Em direção semelhante vai o pensamento do cardeal Josef Tomko, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos. Em um livro recente, ele explicita em mais de um momento suas críticas contundentes ao

pensamento de Paul Knitter, em particular ao seu modelo soteriocêntrico, que tenderia, segundo Tomko, a reduzir a fé em Cristo à busca por um mero bem-estar terrestre (cf. J. TOMKO, *La missione verso il terzo millennio*, Roma; Bologna: Urbaniana University Press; Dehoniane, 1998, p. 230-34). As teses pluralistas, entre as quais as de Knitter, foram igualmente problematizadas por teólogos inseridos no paradigma inclusivista representado no livro *A teologia pluralista das religiões: um mito?* (publicado originalmente em inglês no ano de 1990). Como se percebe, trata-se de um autor muito debatido e igualmente questionado.

Gostaria aqui de sublinhar que mesmo sem desconhecer a pertinência de muitas das críticas a ele atribuídas, não há como relegar a segundo plano a importância de sua reflexão e as contribuições singulares que o mesmo tem oferecido ao debate em torno de uma teologia cristã do pluralismo religioso. Em primeiro lugar, é mister reconhecer que nesta obra Knitter mostra-se aberto e sensível aos questionamentos tecidos sobre o trabalho dos teólogos pluralistas, e a ele em particular ao longo de sua trajetória acadêmica. Sublinha em vários momentos a pertinência de determinadas críticas feitas ao seu pensamento e sua intenção de clarificar e mesmo corrigir alguns dos argumentos defendidos em trabalhos anteriores (cf. p. 28, 40, 62, 73, 75 e 84). Chega mesmo a se autodefinir agora como um “pluralista moderado” (p. 40); e, de fato, o leitor se apercebe de uma maior atenção dedicada pelo autor a determinados aspectos mais delicados da reflexão teológica.

Outra contribuição a meu ver muito importante nesta sua obra relaciona-se à sua preocupação, diversas vezes assinalada ao longo de seu livro, de conjugar a temática do diálogo inter-religioso com a urgência da responsabilidade global em favor da afirmação da vida e do bem-estar ecumano. Em outras palavras, a preocupação de articular a opção pelo outro com a opção pelos pobres. Não vejo nesta preocupação ética fundamental nenhum sintoma de relativização teológica, mas sim o desejo de fornecer um conteúdo mais vital e significativo para o próprio diálogo inter-religioso. Na apresentação do livro, Hans Küng sublinha sua profunda comunhão com esta perspectiva adotada por Knitter

ao tratar a temática em questão (p. 10). Este tema vem sendo igualmente motivo de interesse de um grupo de teólogos espanhóis que, em livro recente, sublinharam a importância de estruturar o tema da relação entre as religiões da terra com o tema da universalidade do pobre (cf. X. ALEGRE et alii, *Universalidad de Cristo, Universalidad del pobre*, Santander: Sal Terrae, 1995; Ver também J. I. González FAUS, *Religiones de la tierra y sacralidad del pobre*, Santander: Sal Terrae, 1997).

Em terceiro lugar, gostaria de destacar a importância concedida pelo autor ao tema da alteridade irreduzível presente em cada uma das tradições religiosas, de sua singularidade e valor. Ele mesmo afirma que “quanto mais se tenta penetrar no mundo de uma outra tradição religiosa, mediante encontros pessoais e o estudo dos textos, tanto mais se depara com um muro de diferenças que são, no final, incompreensíveis” (p. 33). Trata-se da percepção do outro como “*mysterium tremendum*”, que jamais pode ser complementado ou reduzido em seu significado único. Mas também de um mistério que igualmente convida ao encontro e que se abre ao aprendizado da diferença: “*mysterium fascinosum*”. No meu parecer, a percepção desta singularidade veio aprofundar de forma substantiva pistas novidadeiras para o diálogo inter-religioso, rompendo com uma tendência presente em certos teólogos pluralistas de reduzir a alteridade a um mínimo denominador comum. Knitter confirma aqui uma perspectiva muito acesa hoje em dia, também entre teólogos inclusivistas abertos, em favor de um pluralismo de princípio ou de direito.

Duas questões presentes na reflexão de Paul Knitter permanecem a meu ver ainda sujeitas a um melhor esclarecimento do autor, estando intimamente relacionadas com a ruptura instaurada pelos teólogos pluralistas. Primeiramente, a questão da normatividade e da definitividade de Jesus Cristo. Esta questão permanece ainda em sua obra motivo de interrogação e debate. É verdade que este tema não foi objeto particular deste livro, tendo sido trabalhado em obra posterior do autor intitulada *Jesus and the Other Names: Christian Mission and Global Responsibility* (New York: Orbis Books, 1996). Mesmo assim, a questão apareceu ao longo de sua reflexão, ainda que

cuidadosamente trabalhada (cf. p. 68-71). Importantes teólogos situados no paradigma inclusivista, mas extremamente sensíveis aos desafios do pluralismo, têm sublinhado que a normatividade constitutiva de Jesus Cristo não constitui um obstáculo ao diálogo, mas uma convocação ainda mais decisiva ao seu empenho (cf. os trabalhos de C. Geffré, E. Schillebeeckx e J. Dupuis). Mesmo em obras recentes Paul Knitter continua defendendo que uma cristologia “constitutiva” e “inclusivista” acaba por cerrar espaço a um genuíno diálogo inter-religioso, tese vivamente contestada por Jacques Dupuis e outros (cf. J. Dupuis. *Verso una teologia cristiana del pluralismo religioso*, Brescia: Queriniana, 1997, p. 384, n. 21; 506).

Outra questão complexa presente na reflexão de Knitter diz respeito à defesa que faz da tese de Mark Heim sobre o “pluralismo de orientações”. Em vários momentos de sua reflexão, Knitter contesta a tese de um possível horizonte comum para as diversas tradições religiosas. Partilhando a tese de Heim, Knitter contesta a idéia de um plano unitário direcionado à plenitude da justiça e do bem-estar ecoumano (cf. p. 224 e n. 6). Esta tese de uma diversidade de fins religiosos para os seres humanos é extremamente complexa, sendo difícil conjugá-la com a perspectiva cristã que fala no horizonte comum querido por Deus para a humanidade. O teólogo Jacques Dupuis, em minuciosa reflexão, contestou as bases teológicas de semelhante tese no livro acima mencionado (p. 416ss).

Faustino Teixeira
Professor na Pós-Graduação em Ciência da Religião/UFJF